

AS TRANSFORMAÇÕES NO MEIO RURAL SERGIPANO E OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA PRODUÇÃO DE QUEIJOS

Msc. Sônia de Souza Mendonça Menezes – Universidade Federal de Sergipe-Rua Carlos Marques, 220 Bairro Ponto Novo. Aracaju-Sergipe. CEP:49047-080 soniamenezes@ufs.br

Prof^a Orientadora Dr^a. Maria Geralda de Almeida-Universidade Federal de Goiás-Rua Ruy Brasil Cavalcanti, 189, apto. 902 – Goiânia-GO-Brasil.74.140.140-mgdealmeida@gmail.com

Introdução

O presente estudo tem por objetivo, discutir a ação de políticas públicas direcionadas à modernização de uma atividade agroalimentar a produção de queijos artesanais em uma ação nos municípios da micro-região do Sertão Sergipano do São Francisco.

A atividade queijeira foi criada pelos agricultores a partir do resgate do saber-fazer tradicional tendo como objetivo aproveitar o potencial existente no território como matéria-prima e mão-de-obra. A produção de queijos proporciona a revalorização do rural e a manutenção da identidade cultural uma vez que absorve o leite produzido pelos agricultores familiares e demais produtores locais, inserindo-os no mercado. Promove a geração de postos de trabalho nas unidades de produção e na comercialização dos derivados de leite possibilita maior circulação do capital e a redução do êxodo rural.

Atualmente através de órgãos públicos e privados estão sendo implementadas ações direcionadas às fabriquetas de queijo no sentido de inseri-las no mercado formal adequando-as às normas exigidas pelo Programa Nacional de Melhoria da Qualidade de Leite. É importante o apoio de setores públicos em um processo de modernização em virtude das exigências do Ministério da Agricultura e dos setores de vigilância sanitária. Porém as ações são lentas e excluem um grande número de produtores devendo proporcionar a desterritorialização dos menos capitalizados. Observa-se uma forma contraditória na implementação de uma política que objetiva a inclusão dos atores do/no território, uma vez que a mesma deve compatibilizar modelos distintos que incorporem os diferentes atores.

É preciso que o Estado participe efetivamente, promovendo a modernização dessa atividade, porém contemplando a diversidade dos atores. Tal mudança poderá incrementar um melhor nível de vida para todos aqueles que estão atrelados a essas pequenas unidades de processamento de leite.

A produção queijeira como estratégia de reprodução e os sujeitos em transição

As atividades agrárias nos municípios do Sertão Sergipano do São Francisco estão voltadas para a pecuária leiteira, inclusive os cultivos temporários são direcionados principalmente a sustentação desta atividade no período de estiagem. Tal atividade está respaldada pelas boas condições edafoclimáticas, que proporcionam uma boa produção a baixos custos, possibilitando vantagens comparativas em termos de sanidade animal e qualidade das forragens. Desta forma, aproveitando-se destas vantagens e na ausência de um cultivo comercial como o algodão o agricultor familiar introduz as pastagens plantadas objetivando a criação de gado leiteiro. A obtenção de uma renda semanal com a venda do leite proporcionará a sua reprodução.

A década de 1980 marcará o domínio soberano da microrregião do Sertão do São Francisco na produção de leite no Estado de Sergipe em detrimento das antigas áreas produtoras a exemplo do agreste e proximidades da capital em virtude das razões abordadas anteriormente. Tabela 01

O crescimento no número de vacas ordenhadas é inferior ao do volume de leite nos últimos anos, tal fato está associado ao melhoramento genético do rebanho, a utilização de alimentação adequada ao rebanho com fontes alternativas no período de estiagens. Outro fator que colabora para o incremento da pecuária leiteira esta relacionada à distribuição de terras. Nesta microrregião foram realizados vários assentamentos de reforma agrária a partir da década de 1990. Após a distribuição das terras que estavam ociosas, estas, passaram a ser utilizadas com pastagens plantadas. A escolha das pastagens nas áreas de reforma agrária em detrimento dos cultivos temporários decorre de fatores como os baixos preços dos produtos agrícolas e as freqüentes estiagens. Nesse contexto a produção de leite se apresenta como uma estratégia para a sustentabilidade do agricultor familiar proporcionando uma renda semanal, através da comercialização deste produto.

Tabela 01

SERGIPE
PRODUÇÃO DE LEITE (MIL LITROS)
1985-1995/1996

Microrregiões geográficas ¹	1985 Volume	1985 %	1995/1996 volume	1995/1996 %
Sertão Sergipano do São Francisco	30948	33,2	54746	43,4
Carira	10047	10,8	15067	12,0
Nossa Senhora das Dores	4341	4,7	7027	5,6
Agreste de Itabaiana	5853	6,3	6865	5,4
Tobias Barreto	6430	6,9	7973	6,3
Agreste de Lagarto	6441	6,9	6539	5,2
Própria	5480	5,9	8620	6,8
Cotinguiba	3088	3,3	3507	2,8
Japarutuba	1218	1,3	2372	1,9
Baixo Cotinguiba	6672	7,2	2926	2,3
Aracaju	1618	1,7	1737	1,4
Estância	3041	3,2	2933	2,3
Boquim	8007	8,6	5802	4,6
Total	93148	100,0	126114	100,0

Fonte: Censos Agropecuários, IBGE. 1985, 1995/1996.

No Sertão Sergipano observa-se que as transformações estão relacionadas às questões econômicas e naturais assim como as culturais. Abordando as razões para as mudanças os agricultores enfatizam a importância da continuidade do seu modo de vida sertanejo referindo-se à sua identidade. Esta reflexão vai ao encontro do posicionamento de Maluf (2003, 144-145) que acrescenta “a relação que a agricultura e a identidade social, num quadro de redução da importância econômica na produção mercantil de alimentos, exige a valorização de aspectos não comumente considerados pelos analistas tais como os modos de vida, as relações com a natureza, as relações com os parentes e vizinhos (sociabilidade e a produção de alimentos para a própria família”. Para muitos dos sertanejos a permanência no meio rural torna-se essencial em virtude das relações desta população com o meio ambiente (apesar das dificuldades nos períodos das secas) e a continuidade de suas

práticas culturais na comunidade sendo a transformação dos cultivos uma estratégia para a continuidade da vida no campo.

A partir da década de 1980 com o crescimento da pecuária leiteira surgem novas atividades construídas a partir do aumento da oferta do leite existente neste município. São criadas pequenas unidades de produção denominadas de *fabriquetas de queijo*. Em alguns estabelecimentos agrícolas o núcleo familiar constitui uma pequena empresa, de caráter informal. Estas são férteis mananciais de habilidades empreendedoras a exemplo das inovações na produção com os novos tipos de derivados de leite ocorreram inovações não se restringindo aos queijos tradicionais, surge o tipo pré-cozido, produzem-se a mussarela e a ricota. São também estimuladoras de geração de renda e postos de trabalho. Observa-se que há uma necessidade incitando essas famílias a exercerem ou criarem atividades externas à agropecuária e ou aproveitando desse potencial expandem, sobretudo nas áreas rurais. A reorganização das forças produtivas criando novas possibilidades de sobrevivência local através da transformação do uso da terra permite a continuidade dos agricultores no seu território tendo sido reforçada a sua identidade cultural. Abordando a temática da multifuncionalidade dos agricultores Carneiro (2003, 96) afirma que “manter a identidade do agricultor significa, nesses termos, (produção de alimentos, sobretudo) para estabelecer trocas com vizinhos e parentes, alimentando laços sociais de solidariedade e de reciprocidade fundamentais para viabilizar a vida e dar-lhe sentido’. Nesse sentido observa-se que na viabilização da atividade queijeira surgem como principal incentivador a rede familiar que cede o capital inicial e repassa o “saber-fazer” conhecimento adquirido com a família na produção do queijo caseiro. A rede de vizinhos fornece a matéria-prima (leite) contribuindo para a viabilização da atividade. Em contrapartida recebem o soro (resíduo do leite) para auxiliar na alimentação dos suínos e o pagamento semanal.

Quanto a qualidade do produto e a divisão de trabalho surgem mudanças nesta atividade tradicional do cotidiano sertanejo. Discutindo a respeito das tradições Giddens (2000) esclarece que as mesmas são caracterizadas pelo seu ritual e a repetição, porém elas evoluem ao longo do tempo. No caso da produção de queijos esta tradição continua mantida no sertão constituindo em um alimento essencial na mesa do sertanejo sergipano ocorrendo mudanças na forma de elaboração e no que se refere ao sabor. Anteriormente a produção de queijos consistia no aproveitamento do leite de cada estabelecimento rural sendo a elaboração realizada na sede da

fazenda exclusivamente por mão-de-obra familiar feminina. Predominava a produção do queijo de coalho que apresentava um maior teor de sal e passava por um processo de maturação durante o seu processamento (sendo denominado queijo curado). Este queijo denominado de caseiro destinava-se ao consumo familiar uma vez que constituía em um alimento essencial na dieta sertaneja. Em ocasiões raras comercializava-se sendo utilizado como forma de presentear amigos e parentes que estavam morando áreas distantes (na capital ou outras regiões do país).

Atualmente diferente da produção do queijo caseiro de responsabilidade do sexo feminino, a mão-de-obra utilizada é exclusivamente masculina. De acordo com os produtores, tal fato está relacionado ao grande volume de leite processado demandando força e vigor masculino, enquanto no passado a quantidade processada era reduzida podendo usar exclusivamente feminina. A mão-de-obra é familiar e, em alguns casos, são utilizados trabalhadores temporários e/ou permanentes, de acordo com o volume da matéria-prima e a demanda do mercado.

O queijo de coalho atualmente apresentava pouco sal e não passa pelo processo de maturação, mudança esta ocorrida pela demanda do mercado devido inclusive aos aspectos relacionados às questões de saúde (receio do consumo proporcionar o aumento de doenças coronárias...).

Os derivados de leite produzidos destinam-se ao abastecimento do mercado interno a capital Aracaju, além dos estados nordestinos como a Paraíba, Bahia e Pernambuco. Nestas capitais crescem o mercado de consumo do queijo assado vendido nas praias. O alimento com forte identidade cultural sertaneja conquista os turistas e a população urbana das capitais nordestinas.

Os consumidores destes produtos apresentam um perfil extremamente variado, pertencendo às mais diferentes classes sociais. O consumo dos cidadãos está relacionado a identidade cultural sertaneja. Observa-se que muitos consumidores, ao provarem esses derivados, revelam a lembrança de fatos passados. Nesse sentido, Vilela (1999, 31) destaca “o alimento representa um símbolo e contém códigos que influenciam determinantemente a sua escolha. Em outras palavras, alimento e sabor são, em grande medida, culturalmente determinados, uma expressão da identidade (local/ regional/nacional)”. Neste caso as atividades agro-alimentares são, por excelência, intimamente ligadas ao território, em razão do processo histórico dominante na área em que se localizam como também da oferta de matéria-prima; além disso, identificam a cultura incorporada dos agricultores e dos consumidores.

Assim, o espaço, através do trabalho, transforma-se em território. Almeida (2005, 108) abordando a noção de território enfatiza que “este responde as questões econômicas, políticas e sociais de cada sociedade por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam”. Continuando essa discussão observamos em Dias (2005) que a lógica territorial deve ser desvendada como resultado de mecanismos endógenos relações que acontecem nos lugares entre agentes conectados por laços de proximidade espacial e mecanismos exógenos (2005). O enfoque territorial implica no desenvolvimento endógeno valorizando os aspectos culturais locais, a inserção de política pública apropriadas e as inovações tecnológicas apropriadas. Faz-se mister valorizar os fatores considerados não transferíveis ou não mercantis como os fenômenos culturais e de identidade local, que facilitam a comunicação interna entre os atores através de redes.

Para Abramovay (2002) a não vinculação exclusiva aos atributos naturais, torna o território uma construção de acordo com a capacidade dos atores de estabelecerem relações organizadas mercantis e não mercantis favorecendo a troca de informações e a conquista de certos mercados. Com relação aos atores observa-se uma diversificação nos tipos responsáveis pela produção de queijos nos municípios sertanejos.

Existem os agricultores que produzem os derivados tradicionais como o queijo de coalho predominando nos municípios em que a pecuária leiteira é praticada de modo tradicional sem grandes investimentos na cadeia produtiva. Estes, com o apoio da rede familiar e de vizinhos montam uma pequena unidade de produção nas proximidades de sua residência constituindo uma estratégia de reprodução. A matéria-prima é adquirida dos seus familiares e vizinhos, no transporte utilizam animais ou motocicletas, a mão-de-obra é exclusivamente familiar, excetuando quando há um grande oferta da matéria-prima, na qual são utilizados trabalhadores temporários sem vínculos empregatícios. Neste caso, a criação de suínos tem importância muitas vezes superior a produção de queijos, constituindo em uma poupança utilizada na resolução das adversidades surgidas. Observa-se neste grupo de produtores de forma intensa as relações de proximidade entre os fornecedores de leite e os produtores de queijo. A devolução de parte do soro aos fornecedores de leite constitui em um artifício da relação entre estes produtores. Menezes (2001) comprovou tal fato entre os produtores de queijo do sertão sergipano sendo alegado

que com esta devolução do soro estariam contribuindo para a criação de suínos e os seus fornecedores obteriam uma outra fonte de renda.

As condições higiênico-sanitárias são deficientes devido a infra-estrutura precária como também estes produtores apresentam uma dependência da rede de comercialização.

Outro grupo detectado de proprietários de fabriquetas no sertão sergipano reside na zona rural apresentam inovações no sistema de produção, inovações e diversificação na produção de queijos, participação em seminários e uma melhor infra-estrutura. A rede de comercialização geralmente é formada por parentes ou comerciantes do próprio município. O volume de leite processado supera o volume de 1000 litros/dia adquirido dos estabelecimentos familiares próximos e outros mais distantes uma vez que alguns já possuem meios de transportes mais eficientes. Utiliza mão-de-obra familiar e trabalhadores temporários durante todo o ano variando o número de acordo com o volume de leite processado.

Por fim são encontrados aqueles atores que denominamos de sujeitos em transição que atuam nas diversas etapas da cadeia produtiva desde a produção do leite, passando pelo processamento da matéria-prima e responsabilizando-se pela comercialização da sua produção e de terceiros. Alguns iniciaram a produção de queijos como o primeiro grupo, capitalizando-se e passaram para o segundo, atingindo rapidamente o terceiro grupo. Atualmente como são capitalizados a infra-estrutura difere das demais fabriquetas no tamanho, em relação aos equipamentos industrializados como câmaras de refrigeração e tanques de expansão. Eles investem nas instalações, inovam no processo produtivo com um investimento superior aos demais grupos o que lhes concedem também uma maior capacidade de processamento da matéria-prima. São responsáveis pela rede de comercialização adquirindo os produtos das demais fabriquetas influenciando e incentivando a diversificação da produção dos derivados influenciando produtores de outros municípios que estão conectados à sua rede de comercialização. Nesse contexto, observou-se o crescimento da produção do queijo tipo pré-cozido resultante da atuação da rede comercial cuja forma de elaboração foi repassada pelos comerciantes aos outros produtores. Entretanto, cabe ressaltar que os atores capitalizados semelhantes aos demais grupos atuam no mercado informal e utilizam as mesmas formas de aquisição da matéria-prima e o pagamento é semanal. Quanto

a devolução do soro a incidência é menor uma vez que os seus fornecedores são grandes e médios produtores rurais.

Todos os grupos como atuam na informalidade são alvo de perseguições por parte da fiscalização estadual, bem como da vigilância sanitária, porém constituem em vários municípios do sertão sergipano como única alternativa de comercialização para os pequenos, médios e grandes produtores rurais.

Cerdan & Sautier (2002) ressaltam a importância econômica e a resistência dessas unidades de transformação modestas e até rudimentares, relacionando-as à proximidade geográfica e social entre os fabricantes e produtores. Apresentam como vantagens comparativas o controle exercido direto pelo proprietário, um fluxo de informações eficientes e relações entre as mesmas de cooperação no período de inverno, e concorrência no verão, devido à escassez de matéria-prima. Para Abramovay (1999) mais importante que as vantagens competitivas dadas por atributos naturais, de localização ou setoriais é o fenômeno da proximidade social que permite uma forma de coordenação entre os atores de valorizar o conjunto do ambiente em que atuam e, portanto, de convertê-lo em base de empreendimentos inovadores. A importância da vizinhança para o fortalecimento das camadas socialmente excluídas frente às dificuldades torna-se um atributo valioso existente no mundo rural.

Como pode sobreviver uma atividade "rudimentar" calcada no saber-fazer em um mercado globalizado e competitivo? Neste caso a expansão dessa atividade não está relacionada exclusivamente a questão meramente econômica. O crescimento é proporcionado pela existência de redes permeadas com relações de proximidade. Diante desse contexto podemos aferir que existe nesse território um potencial que deve ser incorporado e valorizado pela sociedade e pelas instituições objetivando o desenvolvimento dessas comunidades. Discutindo a potencialidade existente em determinadas comunidades Scherren-Warren (2005, 34) assinala como um social capital sendo definido como "um potencial produzido na vida das pessoas de uma comunidade, compreendendo características como a existência de redes sociais, normas, e confiabilidade, que permite aos indivíduos agirem mais eficazmente juntos a desenvolverem objetivos comuns". Nos últimos anos observa-se o crescimento dos estudos de desenvolvimento com base nas definições realizadas por Putnam (2005, 177) que esclarece "o capital social diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas de participação cívica, que contribuam

para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”. Corroborando com esta discussão Bourdieu e Coleman, apontam que este difere em relação a outras formas de capital (físico, cultural, humano), em virtude da sua intangibilidade. Diferente do capital físico, que se desgasta com o seu consumo, o capital social é valorizado através de seu uso e de interações repetidas (McNaughton, 2000). Ele só existe na estrutura das relações sociais, que são as fontes do capital social. Portanto, na área de estudo os fatores desagregadores são parcialmente compensados por forte identidade cultural e solidariedade através das redes sociais ou de sociabilidade que são relações horizontais com forte poder de coesão social, cultural e territorial viabilizadora da persistência do agricultor familiar. Na realidade essas redes muitas vezes não são perceptíveis. Assim, raramente as instituições públicas avaliam o potencial dessas articulações possibilitando o crescimento das atividades e o desenvolvimento local a partir da sustentabilidade desta atividade e por consequência do agricultor familiar.

Com o processo de mundialização do capital observa-se que há um crescimento de produtos alimentícios de outros mercados distantes, bem como a presença de empresas globais no interior dos territórios a exemplo de Nossa Senhora da Glória e Aquidabã. É o caso da *Parmalat* que preocupadas com a reprodução ampliada do capital mantendo relações meramente econômicas no meio no qual estão instaladas, privilegia a regularidade e o maior volume de produção diário. Assim, a *Parmalat*, argumentando que a área sertaneja não apresentava tais características e como existisse ainda uma forte concorrência no mercado do leite com as fabriquetas de queijo, alegou tais fatos para o fechamento das instalações em 1998, saindo do mercado local. Sobre essas concorrências Jank (1999, 59) afirma “as multinacionais exigentes em qualidade e padronização de seus derivados lácteos convivem com pequenas queijarias que sobrevivem das lacunas na fiscalização e legislação tributária”.

Com a saída da *Parmalat*, as fabriquetas de queijo proliferaram neste município, absorvendo o leite produzido pelos estabelecimentos agrícolas grandes, médios e principalmente dos pequenos, isto é, dos agricultores familiares, sendo estas unidades de produção imprescindíveis na viabilização do mercado leiteiro. Na última crise econômica enfrentada por esta empresa multinacional o Estado de Sergipe ficou imune destes problemas uma vez que não havia relações econômicas da

mesma com os produtores rurais, diferentemente do ocorrido em vários estados brasileiros onde foram suscitadas crises na pecuária leiteira.

Observa-se que as experiências bem sucedidas de determinadas áreas são resultantes de um processo de dinâmica territorial constituídas por uma rede de relações sociais amplas envolvendo os planos cultural, econômico e político. Porém, muitas vezes as políticas públicas não são direcionadas no sentido de valorizar o potencial cultural existente no meio rural. Atualmente, órgãos públicos e privados responsáveis pelo desenvolvimento rural estão viabilizando ações direcionadas às fabriquetas de queijo no sentido de inseri-las no mercado formal adequando-as às normas exigidas pelo PNMQL (Programa Nacional de Melhoria da Qualidade de Leite). É importante o reconhecimento desta atividade, porém, a política tem um caráter negativo na medida que exclui a maior parte dos participantes da cadeia produtiva, selecionando-os de acordo com a quantidade de leite processada. Na busca da modernização ocorrerá a exclusão do processo as unidades de produção de pequeno e médio porte devido a carência de garantias para os financiamentos nas instituições financeiras.

Quais alternativas seriam direcionadas para os produtores de queijo de baixa renda? Estas questões foram colocadas para os diversos técnicos das diferentes instituições sem obter resposta para tais indagações. O objetivo real é modernizar um número de unidades que apresentam um estágio superior. Ainda foi cogitado pelos dirigentes de órgãos oficiais que as demais sucumbiriam sem que fosse apresentada nenhuma preocupação com a questão social relacionada ao desemprego nas demais unidades de produção. Proporcionando também a exclusão dos agricultores familiares uma vez que a sua produção não seria atrativa aos estabelecimentos de grande porte do mercado informal. Discutindo sobre a implementação de políticas de desenvolvimento territorial e o descaso de setores técnicos, Cazella (2005) esclarece que os profissionais de desenvolvimento muitas vezes ignoram os efeitos das políticas e justificam a ineficácia das ações como uma consequência do individualismo da população local envolvida. Este autor (2005, 05) ainda enfatiza que “as políticas implementadas devem reconhecer a complexidade social, as divergências de interesses, de concepções e de estratégias dos atores implicados nas ações formais de desenvolvimento”. Neste caso aqui estudado, ao implementar esta política sem trabalhar com a complexidade de atores poderá resultar em uma desterritorialização dos agricultores familiares em virtude da desarticulação de uma

estratégia criada pelos agricultores a produção de leite no semi-árido. Para Fernandes (2005, 06) dentro de um mesmo território há uma diversidade de territórios com interesses distintos dos grupos internos e externos atuantes. No interior deste território existem conflitos que proporcionam a “territorialização, desterritorialização e reterritorialização expressando diferentes tipos de desenvolvimento”. O que deveria ser contemplados com políticas diferenciadas atingindo os diversos grupos. Da maneira como está sendo colocada em prática esta atividade seria inviabilizada proporcionando uma crise econômica sem precedentes uma vez que nos municípios sertanejos 70 a 75% dos produtores estão atrelados as fabriquetas de queijo. Dessa forma, as fabriquetas de pequeno e médio porte estão com sua sobrevivência ameaçada, a médio prazo, em função de normas rigorosas para a produção leiteira/queijeira, que propõe o PNMQL. Sem perspectivas, devido à falta de capital e em algumas áreas deficiência na infra-estrutura, os produtores artesanais continuam alheio às mudanças que deverão ser implementadas nos municípios sertanejos, aguardando com expectativa negativa o decorrer dos acontecimentos. Continuam a produzir à margem da vigilância até quando for “permitida” tendo a incerteza do amanhã, se poderão ou não continuar sobrevivendo no seu território.

Considerações finais

A análise desta alternativa de trabalho no contexto histórico evidência as implicações dessa estratégia na sociedade local, gerando postos de trabalho de forma direta e indireta, fixando o agricultor familiar na zona rural e possibilitando maior circulação de capital nos municípios. A exploração desta dinâmica territorial supõe políticas públicas que estimulem a formulação descentralizada de projetos capazes de valorizar os atributos locais objetivando o aproveitamento desta potencialidade. Neste caso deverá ocorrer articulação entre as forças dinâmicas em favor do aproveitamento do capital social existente com vistas ao desenvolvimento dos municípios sertanejos.

O fortalecimento da atividade queijeira no Sertão Sergipano do São Francisco está embasada em uma construção histórica e social. Estas atividades tornam-se eficientes, na medida em que são fortemente condicionadas pelos “laços de proximidades” entre aqueles que participam da cadeia produtiva. As instituições públicas podem atuar como agentes intermediários combinando as potencialidades

locais, o capital social existente nas relações das fabriquetas com os produtores de leite e a rede comercial para promover estratégias de desenvolvimento territorial. Estes fatores proporcionam e proporcionarão se melhor trabalhados mudanças no sistema econômico local dinamizando a circulação do capital nos municípios. Não se pode em nome da modernização excluir do processo experiências e produtos de valor cultural. Como observou Martins (2002) existem formas perversas, anormais e desiguais de inclusão social. Corroborando com este pensamento Sachs (2004) afirma que a maioria pobre está praticamente excluída do processo de desenvolvimento. No caso das fabriquetas há realmente uma verdadeira exclusão, as políticas não estão direcionadas para a inclusão dos atores. As instituições envolvidas devem debruçar-se para que sejam criadas políticas viáveis que incluam os pequenos e médios produtores de queijos, fato este que poderá proporcionar o desenvolvimento territorial sustentável nos municípios sertanejos.

Referência bibliográfica

Abramovay, Ricardo. 1999. **Sete desafios para o desenvolvimento territorial**. Palestra 04, Fundação Lyndolpho Silva -BNAF- 08 paginas.

_____, 2000. **Do setor ao território**: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Texto para Discussão do IPEA nº702. São Paulo.

_____, 1997. **O capital social dos territórios**: repensando o desenvolvimento rural. Seminário sobre reforma agrária e desenvolvimento sustentável. Fortaleza.

Almeida. Maria Geralda de. 2005. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**. Fortaleza.103-114.

Andrade, Manoel C. de. 1986. **A terra e o homem no Nordeste**. 5ª ed. S. P.: Ed. Atlas.

Bourdier, Pierre 1980-O capital social – notas provisórias'. In: Nogueira, M. A. e A.Catani (orgs.) Pierre Bourdieu: *escritos de educação*. Capítulo III. Petrópolis, RJ: Vozes.

Carneiro. Maria José. 1998. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T. da; Santos, R. ; Costa, L. F. de C. (Orgs.) **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 95-117.

_____. 2001. Do rural ao urbano: uma terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência d ruralidade (versão preliminar). II Seminário sobre o rural

brasileiro: a dinâmica das atividades agrícolas e não –agrícolas no novo rural brasileiro. Campinas: NEA/UNICAMP, 1-16.

Cazella. Ademir Antônio 2005. Vantagens diferenciadoras e mediações de conflitos: desafios das políticas de desenvolvimento territorial. IN: **Anais**: Seminário Nacional de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável. MDA; CONDRAF. Brasília: 20-25.

Cerdan, Claire; et al. 2002. Construção e desenvolvimento dos territórios rurais. IN: Sabourin, e. ;Teixeira. O. A. **Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais. Conceitos, controvérsias e experiências**. Brasília. EMBRAPA.

Debeux Júnior. J. C. B. 1998. Cenário atual da produção leiteira pernambucana: caracterização e identificação de demandas tecnológicas. In: Seminário identificação de restrições econômicas e institucionais ao desenvolvimento do setor leiteiro nacional. Região Nordeste. **Anais**. Fortaleza/Ce. 63-68.

DIAS, Leila C. 2005. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, L. C. S, Rogério L L. (Orgs.) **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul. 11-28.

Fernandes. Bernardo M. 2005. Desenvolvimento territorial: conflitualidade e sustentabilidade. IN: **Anais**: Seminário Nacional de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável. MDA; CONDRAF. Brasília. 26-30.

Haesbaert. Rogério. 2004. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil.

IBGE. **Censos Agropecuários**. 1970,1985,1995/1996.

McNaughton, Rod B. 2000. 'Industrial districts and social capital', In: Green, M. B. e McNaughton. R. B. (eds.) *Industrial Networks and Proximity*. Aldeshort-UK: Ashgate.

Menezes, Sônia de S. M. 2001. **As fabriquetas de queijo**: uma estratégia de reprodução camponesa no município de Itabi;Se. Dissertação. (Mestrado) NPGeo/UFS. Aracaju.

Muchnik, j.; Sautier, D. 1999. **Sistemas agro-alimentares localizados e construção de territórios**. Paris: CIRAD. 18p. Projeto de pesquisa.

Putnam, Robert D. 1993. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Sachs, I. 2004. **Desenvolvimento, includente, sustentável, sustentado**. RJ: Garamound.

Scherrer-Warren, Ilse. 2005. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: Dias, L. C. Silveira, R. L. I. (orgs.) **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul. 29-50.

Wanderley, M. de N. B. 1999. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: Tedesco, J. C. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo/RS: Ed. UPF. 23-56.

_____. 2001. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In; Giarracca, Norma (Copem.) **Uma nueva ruralidade em América Latina?** Buenos Aires, CLACSO. 31-44 (Colección grupos de Trabajo).

ⁱNota:

ⁱ Microrregião do Sertão Sergipano do São Francisco formada pelos municípios de: Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Monte Alegre de Sergipe, Porto da Folha, Nossa Senhora da Glória, Gararu, Itabi, Graccho Cardoso e Feira Nova. IBGE.